

TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGEM, PARTICIPAÇÃO E INTERAÇÃO: POSSIBILIDADES DOS RELATÓRIOS DO MOODLE

Danilo Garcia da Silva¹; Kátia Morosov Alonso²; Cristiano Maciel³

Grupo 2.4. *Docência na educação a distância: Planejamento, avaliação e acompanhamento*

RESUMO:

Este trabalho versa sobre o processo de acompanhamento da participação e interação em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, com vistas à melhoria da qualidade da formação educacional discente. Para a consecução deste intento, foi realizada a análise de relatórios de atividades internas do Moodle no curso de Pedagogia a distância, feito em parceria entre a Universidade Federal de Mato Grosso e a Universidade de Tokai, no Japão, de onde se pretendeu haurir meios de identificar possíveis contribuições para o trabalho docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Foram aplicados questionários e entrevistas com os professores especialistas e orientadores acadêmicos do curso. Os resultados não evidenciam o uso efetivo dos relatórios de atividades para a identificação da participação e interação e tomada de decisão pedagógica.

Palavras-chave: *Ensino superior. Acompanhamento. Trajetórias de aprendizagem. Relatórios de atividades. Moodle.*

ABSTRACT:

TRAJECTORIES OF LEARNING, INTERACTION AND PARTICIPATION: POSSIBILITIES OF REPORTS OF MOODLE

This paper is about monitoring participation and interaction in Virtual Learning Environments, aiming to improve the quality of educational processes. To do so, we analyzed the reports on Moodle internal activities in an online graduation course on Education. This course is held by Universidade Federal de Mato Grosso and Tokay University, in Japan. From such reports, we tried to identify possible contributions to teachers' job. This is a qualitative research involving a case study, in which we employed surveys and interviews with teachers and advisors from the course studied. The results do not show an expressive use of these reports either to monitor students' participation and interaction or to help making pedagogical decisions.

Keywords: *Higher education. Monitoring. Learning trajectories. Activity Reports. Moodle.*

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/PPGE/IE) – danilogsilvas@gmail.com

² Professora na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – katia.ufmt@gmail.com

³ Professor na Universidade Federal de Mato Grosso – crismac@gmail.com

1. Introdução

No complexo que envolve a educação, independentemente da modalidade educacional, várias dimensões estão imbricadas quando se busca instituir um processo educativo com qualidade. Não por acaso, as problemáticas se veem otimizadas quando se vislumbra um processo formativo alicerçado em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), já que o processo de mediação (ALONSO, 2008) não ocorre diretamente, mas sim mediatizado por tecnologias. Com o advento dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) - entendidos aqui como sistemas que congregam vários recursos de TIC focados no processo de ensino-aprendizagem - e a crescente expansão da Educação a Distância (EaD) (SILVA, 2011), uma das questões posta em relevo neste artigo é como considerar e acompanhar a participação e interação em AVA, de modo a promover um processo educativo no qual professores e alunos se percebam não como expectadores, mas como indivíduos atuantes e responsáveis na e pela formação em que estão inseridos.

Para efeito do acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem no curso de Pedagogia a distância realizado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), buscamos analisar a participação e interação a partir de recursos internos do ambiente Moodle, em particular os relatórios de atividades deste ambiente, investigando-lhes possíveis contribuições pedagógicas. Este assunto será tratado em tópico específico.

2. Recuperando alguns conceitos

Na tentativa de clarificar os dois conceitos fundamentais para a presente pesquisa, participação e interação, especificamente quando observados em sua efetivação no ambiente Moodle, partimos das respectivas acepções e etimologias constantes no dicionário eletrônico Aurélio (2005), seguindo-lhes dos conceitos apresentados por teóricos da educação.

Dentre as definições encontradas para a palavra participação, fiquemos com esta: deriva do verbo participar, originário do latim *participare*, que possui uma pluralidade semântica das quais compreendemos como o “ato ou efeito de participar”.

Por outro lado, em um contexto de mediação de aprendizagem, é comum identificarmos que a participação é entendida como troca de ações, controle e modificação de conteúdos e relações. Em consequência desta definição mais abrangente, a participação torna-se ainda mais importante em contextos mediados por tecnologias (TIC) que permitem dimensionar as ações e intervenções que os sujeitos operacionalizam no ambiente, durante o desenvolvimento de seus estudos.

Dentre os diversos autores que trabalham com participação nos espaços escolares, Sayão (2006) destaca que, para a escola, a participação nem sempre é bem definida. Porém, dentre as possibilidades de caracterização de como ela ocorre, esta mesma autora informa que na escola ela é entendida como uma ação, sendo: a) quando o aluno realiza perguntas sobre o conteúdo das aulas; b) quando o aluno adianta algumas respostas resultantes de raciocínio, estudo ou conhecimento prévio; c) ou quando apresenta um trabalho frente aos colegas.

Ao compreendê-la, portanto, como ação, Franco (2010) sugere que a participação pode ainda ser denominada como ativa, isto é, se estabelece na relação que os alunos mantêm com os professores e demais colegas de curso. Assim, a participação, necessariamente, precisa do encontro com o outro, considerando este outro como um indivíduo ou um meio ou sistema.

Os AVA disponibilizam diversos recursos de interação e comunicação, de acordo com as necessidades do curso e das práticas pedagógicas que se ensejam desenvolver, além, é claro, do que foi planejado nos objetivos do curso expressos em seu Projeto Político Pedagógico (PPP).

Apesar de esses recursos criarem condições favoráveis para que as práticas colaborativas se desenvolvam, somente a práxis educativa poderá consolidá-las ou não, dado que a promoção da aprendizagem colaborativa e/ou construtivista depende dos atores envolvidos no processo formativo.

À vista do exposto, a participação, promovida pelos recursos disponibilizados no AVA, faz com que ocorram inúmeras operações/ações nesses espaços, enquanto atividades dos sujeitos da aprendizagem na realização de seus estudos. No ambiente, tais ações são caracterizadas como atividades humanas, que vão desde o acesso ao ambiente até a participação nas atividades pedagógicas, tendo como objetivo promover a interação em seus diversos níveis nesses espaços de aprendizagem.

Retomando o compromisso de definir o segundo conceito, interação, extraiu-se da mesma fonte dicionarizada as seguintes acepções: termo classificado como substantivo feminino, composto pelas palavras *inter* (prefixo latino que significa: posição intermediária; reciprocidade; intercostal; interação) + *ação* (advinda de *actione*, consideramos: ato ou efeito de agir; de atuar; atuação; modo de proceder; comportamento; atitude). Dentre as várias significações do verbete, tomemos a que se refere à ação exercida mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas; ação recíproca.

Em uma perspectiva semântica, a palavra interação se aplica a “mecanismos vivos” – comportamentos e atitudes - e que se transformam de acordo com as ações e operações fomentadas em um determinado espaço.

Dos autores que trabalham com a interação, temos a leitura de Alex Primo (2000) de que, na interação, a relação de interdependência existente varia em grau, qualidade e contexto. Logo, não desconsideramos ainda outras possibilidades de compreensão deste termo. A depender da vertente lançada para a compreensão do que, de fato, a interação pode proporcionar nos contextos de ensino e aprendizagem, temos que ela pode ser assim entendida: a) em uma perspectiva comunicacional onde é preciso compreendê-la não como um processo com começo, meio e fim definidos, mas como a dinâmica comunicacional com constantes inversões dos atores comunicacionais; b) no viés sociológico, caracterizada pela atividade social, através de trocas estabelecidas entre dois ou mais indivíduos (BELLONI, 1999), estimulando uns aos outros, isto é, “inter-ação”, “ação-relação entre”.

Ao falarmos dos sujeitos do processo educativo, urge a mudança de atitude dos participantes do processo formativo, a fim de que se possa “fazer parte de”, bem como manter a “relação entre”. “Fazer parte de” é, portanto, ser ativo e responsável pelas instâncias educacionais que se estabelecem no ambiente; ao passo que a “relação entre”

(seja entre os sujeitos e/ou com o meio) é a interferência (adição, alteração ou remoção) no fluxo comunicacional-relacional-social, sugerindo e propondo situações e condições de aprendizagem em meio aos conteúdos que se (re)constróem. Vejamos a seguir estas instâncias, focando o ambiente virtual.

3. Participação e interação no Moodle

Para se verificar como ocorrem a participação e interação em AVA, tem-se à disposição diversas possibilidades técnicas de extração de informações de sua base de dados que permitem identificar instâncias participativas e interativas entre os sujeitos da aprendizagem.

Nos ambientes virtuais temos a possibilidade de acompanharmos a frequência (data e hora de acesso tanto ao ambiente quanto a cada um dos recursos disponíveis no ambiente) e a produção de cada aluno (acesso às produções *on-line*, aos trabalhos publicados e às tarefas realizadas) (BASSANI; BEHAR, 2006, p. 1).

Outrossim, o Moodle agrega recursos de relatórios de atividades que podem ser usados pedagogicamente para demonstrar as ações que se estabelecem durante o processo formativo. Esses relatórios permitem uma visão interna do ambiente em uma perspectiva quantitativa, o que não constitui um impeditivo para se inferir uma abordagem qualitativa para a análise dos dados coletados, partindo dos pontos que lhes deram origem. Para obter-se o melhor aproveitamento das informações geradas pelos relatórios do ambiente, os professores precisam compreendê-los para o uso mais efetivo e qualitativo das informações registradas pelo Moodle.

A depender da dinâmica de interpretação das informações registradas no Moodle (pelos seus relatórios de atividades) essas informações constituem-se em indicativos substanciais, permitindo identificar trajetórias de aprendizagem (SILVA, 2011) que possibilitam acompanhar o processo de estudo dos alunos do curso. As trajetórias de aprendizagem dos alunos são indicativos fatuais para as tomadas de decisões que os professores fazem durante a formação. Em síntese, todo o acompanhamento pedagógico dos cursos a distância, que ocorrem por meio de ambientes virtuais, pode ser melhorado, já que nessa modalidade de ensino os professores não contam com os mesmos mecanismos existentes nos cursos presenciais.

Para os cursos que fazem uso majoritário de AVA para a realização de formação, podemos sugerir outra perspectiva de prática pedagógica, como a de averiguação das trajetórias de aprendizagem, em que

a participação poderia ser considerada como o acesso ao ambiente e à visualização de conteúdos; e a interação, como as contribuições individuais dos participantes nas atividades do curso e na sua interconexão com as contribuições de outros participantes de maneira contextualizada (SILVA, 2011, p. 24).

Como pode ser observado, a perspectiva apresentada sugere observar o maior número possível, senão todos, de frequências indicativas de ações realizadas no ambiente de forma a dimensionar as dinâmicas do processo de estudo que os alunos operam no

AVA. Porém, o fazer pedagógico vislumbrado com esta perspectiva se consolida no acompanhamento, como ato ou efeito de ir ou estar junto, do processo de estudo dos alunos. A intenção desta advertência é contribuir para a melhoria da prática pedagógica, já que, em nossas práticas com cursos a distância, constatamos que o ambiente virtual muitas vezes é utilizado simplesmente como repositório de conteúdo.

Em nossa experiência com o Moodle, vislumbramos a possibilidade de que a participação se configura não apenas em uma simples ação pessoal, mas também em uma coletividade organizada e motivada para a formação de grupos associados. A participação é, então, uma maneira direta de interferir na realidade e de contribuir para as trocas sociais, independentemente do contexto em que se está inserido.

Já a interação se dá nas relações de participação (entre os sujeitos – forma interpessoal; entre sujeito e ambiente – relação no/com o meio), caracterizando-se como uma relação colaborativa e participativa, formada a partir da inter-relação dos sujeitos e das potencialidades possíveis de serem exploradas entre o indivíduo e o ambiente (com os recursos tecnológicos).

Acrescente-se a tudo o que foi dito que a participação e interação são condições para que a construção de significados ocorra e, conseqüentemente, a aprendizagem. Sendo esta o objetivo de qualquer processo educacional, conclui-se que não há interação sem participação e vice-versa.

4. Caminhos e procedimentos metodológicos empregados

A composição do objeto de pesquisa partiu do estudo do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), tendo como alunos os decasséguis que habitam em solo japonês. Esse curso é uma parceria entre a UFMT e a Universidade de Tokai.

Trata-se de um estudo de caso (YIN, 2010) com abordagem qualitativa (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2001), em que se contou com a participação de professores especialistas e orientadores acadêmicos. Utilizou-se na coleta de dados: a) relatórios de atividades do ambiente; b) aplicação de questionários aberto e fechado; e, c) realização de entrevistas semiestruturadas.

É importante salientar que o ambiente Moodle do curso é um ambiente customizado, da mesma forma que os materiais impressos e multimídias, que visa a atender não só a especificidade de um curso a distância, mas também as particularidades dos alunos (decasséguis) que, em sua maioria, está há mais de 20 anos morando e trabalhando no Japão, majoritariamente em escolas brasileiras naquele país.

Na atualidade, de um total de 300 alunos matriculados, apurou-se que o curso conta com 276 ainda regularmente inscritos e participantes. O curso está, com aproximadamente, 86% das áreas de conhecimento concluídas. A taxa de desistência se deve à crise e catástrofe sofridas pelo Japão. O total de professores especialistas e orientadores acadêmicos somam 41 docentes e, cada um deles, atende ao número máximo de 20 alunos.

Ressaltamos que o acompanhamento dos alunos em seus percursos de estudo é um dos principais objetivos pedagógicos previstos no PPP do curso que, entre outros, visa

a realizar um trabalho relevante, promovendo o desenvolvimento da educação a distância. Dessa forma, entender como se processa o acompanhamento discente e como ele ocorre internamente no AVA foi o que fomentou a elaboração da pesquisa.

Com os instrumentos de coleta de dados partimos de questões norteadoras, tendo por objetivo identificar e compreender que recursos eram utilizados pelos professores e como estes realizavam o acompanhamento da participação e interação dos alunos no curso, durante o processo de aprendizagem no AVA. Ademais, focamos na verificação do conhecimento e uso dos relatórios de atividades do Moodle como subsídio às práticas docentes realizadas no e com o AVA.

Os questionários e entrevistas foram aplicados a 20 orientadores acadêmicos e 3 professores especialistas que já haviam finalizado sua aula no curso. Analisaram-se também as informações registradas pelos relatórios de atividades do Moodle para compreender sua relevância para o fazer docente.

5. Apontamentos da pesquisa

Ampliar a perspectiva ou os pontos de vista dos sujeitos que coparticipam no espaço virtual de aprendizagem, além de entender o fenômeno educacional como um processo que precisa ser acompanhado, é o que se espera de uma educação que tenha em suas bases a participação e interação.

A efetividade desses elementos requer, contudo, algumas atitudes dos sujeitos da formação em relação aos recursos tecnológicos presentes nos espaços compartilhados, como curiosidade, disposição para explorá-los, além de engajamento para extrair-lhes o máximo proveito.

A pesquisa abrangeu dois grandes momentos: identificar os mecanismos de que os professores se valem para realizar, sob a perspectiva da participação e interação no AVA, o acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos no curso; e, após exame dos dados coletados na fase anterior, apurar se os sujeitos de pesquisa conheciam os relatórios de atividades do Moodle, para então identificar, nas respostas dos usuários, se estes os utilizam para subsidiar seu fazer docente e sua tomada de decisão pedagógica.

Os dados apontaram que os professores têm conhecimento tanto dos recursos internos ao AVA como da funcionalidade destes para acompanhar a participação e interação no curso. Focando os relatórios de atividades do Moodle, a quase totalidade dos pesquisados informaram conhecer tais relatórios e já, em algum momento, fizeram uso dos mesmos. Buscando clarificar que uso foi operacionalizado, percebemos que, pedagogicamente, os professores quase não os utilizaram ou sequer sabiam que poderiam usá-los, como subsídio para suas práticas.

A baixa utilização dos relatórios de atividades do Moodle deve-se ao não entendimento das informações dos relatórios de atividades, do que decorre, em uma perspectiva pedagógica de subsídio para o fazer docente, e que poderiam contribuir para a averiguação da participação e interação dos alunos no curso, é substituída por mecanismos que cada professor adota para o registro das atividades no curso. Muitos deles utilizam planilhas eletrônicas para registrar a quantidade de vezes que o aluno participou nas atividades das áreas de conhecimento. Essas planilhas são instrumentos

que simulam o diário de classe. Nelas se anotam as atividades e nome dos alunos que delas participaram. Essas participações correspondem à interação do aluno com os docentes quando estes tiram as dúvidas e fazem as devidas orientações. Ao anotarem as atividades realizadas e a presença no ambiente passam a ter os elementos que constituem a participação e interação e, por fim, o acompanhamento.

Das respostas obtidas depreendeu-se que o desconforto dos professores, relativo aos relatórios de atividades do Moodle, deve-se à preferência destes pelos recursos com que têm mais familiaridade e domínio no uso “[...] que eu conheço que tenho maior facilidade de trabalhar, que eu não tenho perda de tempo a procura de entender como funciona [...]”.

Outro fato observado que merece menção é a crença dos professores de que podem acompanhar o desenvolvimento dos alunos pela ‘presença’ daqueles no ambiente virtual. Segundo as respostas coletadas, o acompanhamento e identificação de participação e interação são medidos pelos comportamentos e questionamentos que recebem dos sujeitos da aprendizagem, quando da utilização dos recursos de interação e comunicação disponíveis.

A “presença” constante dos professores no curso reforça o que já sabemos: o labor docente não é fácil e os problemas por eles enfrentados são complexos. Neste viés, não se pode delegar o fazer docente aos recursos tecnológicos por si sós.

Por outro lado, percebemos que os recursos tecnológicos podem ser agregados ao processo de formação, o que facilitará o trabalho docente; mas, para que isso ocorra, professores e alunos precisam usufruir das potencialidades tecnológicas em favor do processo formativo instaurado. Outro ponto relevante é que, mesmo que os docentes utilizem os recursos do AVA habilmente,

percebe-se claramente que um longo caminho pode ser construído, e um dos grandes problemas é articular as inúmeras vantagens criadas pelas tecnologias e criar modelos de acompanhamento do aprendizado que efetivamente contenham alguma possibilidade de mudança qualitativa (LOPES; SCHIEL, 2004, p. 1).

Mesmo que um longo caminho precise ser construído, conforme apontam os autores da precedente citação, o uso de relatórios de atividades do Moodle permite a fruição imediata de algumas vantagens. Vislumbrar as trajetórias de aprendizagem para identificar se houve ou não participação e interação é uma delas. No processo manual, os professores utilizam formas mais trabalhosas para realizar o acompanhamento dos alunos, por exemplo, a observação individual de cada uma das atividades do curso.

Dois pontos observados nas opiniões emitidas merecem destaque: a) a troca de mensagem é muito considerada pelos professores como indicativos de participação e interação; e, b) estes elementos muitas vezes são atrelados à própria característica do recurso utilizado no curso, por exemplo, a utilização de um fórum já é indicativa de que há interação no curso.

Apesar das vantagens apreçadas, ao analisarmos os relatórios de atividades do Moodle constatamos que, caso o professor não esteja consciente de que acompanhar os alunos é uma atividade processual e contínua, esses relatórios podem não suprir as suas necessidades. Pois eles precisam que as informações sejam mostradas de forma concisa,

favorecendo a reflexão sobre os processos de aprendizagem. Como esses relatórios oferecem muitas informações de maneira detalhada, acabam por não suprir as necessidades dos professores que procuram informações pontuais (NUNES, 2007).

Por isso, enfatizamos que a consulta aos relatórios exige ser processual. Para além do acompanhamento eficiente e do melhor aproveitamento das informações registradas, o acesso frequente aos relatórios tende a contribuir, pois facilitaria a leitura dos dados já que os docentes teriam de analisar um baixo volume de dados. Portanto, uma leitura atenta e qualitativa, tende a contribuir para o acompanhamento dos alunos no curso.

Embora não se tenha identificado grande relevância de uso e compreensão das informações que os relatórios de atividades do Moodle disponibilizam, temos consolidadas práticas pedagógicas que respondem e atendem às necessidades do curso em pauta.

Caracteriza-se a frequência de consolidação de um processo de acompanhamento da participação e interação por ser diária, “presente” e condizente com o contexto do curso e, ainda, por ser eficiente em sua essência, na perspectiva de acompanhar a aprendizagem dos alunos nas áreas de conhecimento. As ações e o trabalho pedagógico estão calcados e vinculados à lógica presencial, que deve ser entendida como a busca da “presencialidade” (“estar junto” *on-line*). Assim, os professores se mostram presentes para o acompanhamento e orientações.

Neste estudo concluiu-se que o uso dos relatórios de atividades, como recurso de auxílio às práticas pedagógicas, não foi evidenciado, tampouco que estes subsidiem o acompanhamento dos alunos, na perspectiva do processo. Ainda que a mudança de atitude por parte dos docentes não tenha se operado, a falta de uso dos relatórios não impediu que as orientações e processos formativos se efetivassem. Por outro lado, ainda não é realidade que os relatórios do ambiente atendam plenamente às necessidades do fazer docente e contribuam com a tomada de decisões durante o processo formativo e desenrolar das trajetórias de aprendizagem dos alunos do curso.

6. Considerações finais

Em contextos mediatizados por ambientes virtuais e seus recursos de informação e comunicação agregados, a participação e interação vão além de meros estímulos para as relações sociais entre os interagentes. Esses recursos ampliam as formas de pensar, relacionar-se no âmbito social, econômico e político, como também a de elaborar conhecimento.

Como discutiremos, esta pesquisa atribuiu à análise dos relatórios de atividades do Moodle a finalidade e relevância de recursos de gestão de aprendizagem empregados pedagogicamente, que permitem contribuir com o professor quanto à visualização, levantamento de informações, avaliação e definição de estratégias, melhorando a excelência da realização de determinadas atividades no acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos sob a perspectiva da participação e interação (SILVA, 2011).

O enfoque dado ao presente estudo pretendeu apoiar as possibilidades de identificação das trajetórias e potencialidades das informações coletadas pelos relatórios

de atividades, ou seja, recursos internos ao Moodle, agregando facilidade e potencialidade qualitativas ao acompanhamento dos alunos no curso investigado.

Apesar de esta pesquisa ter focado em informações relevantes para a tomada de decisão do professor sobre a aprendizagem, enfatizamos que nosso objetivo foi entender as trajetórias de aprendizagem realizadas pelos alunos, olhando internamente os processos instaurados por meio dos recursos de interação e comunicação presentes no AVA do curso. Cabe ao professor, portanto, face à complexidade do processo de aprendizagem, apoiar-se nas informações acessíveis por meio dos relatórios de atividades do Moodle, avaliando-as quanto à relevância para a avaliação da aprendizagem, em última instância.

Ainda que não se tenha evidenciado a compreensão e uso efetivo dos relatórios de atividades do Moodle, na perspectiva de identificação da participação e interação para subsidiar o fazer docente, constatamos que o trabalho docente vem ao encontro das necessidades do curso, conforme previsto no PPP, e atendem as demandas dos alunos.

Evidencia-se um acompanhamento calcado na “presença *on-line*” dos professores no ambiente que lhes permite dimensionar os indicativos de participação e interação dos alunos no curso. Verificou-se também determinada ausência de percepção da totalidade de ações que podem compor a trajetória de aprendizagem, além de alguma limitação em atribuir relevância às ações dos sujeitos da aprendizagem no ambiente. Por isso, as ações desses sujeitos no AVA são condicionadas às características dos recursos tecnológicos em si.

Percebemos que há um vasto caminho a ser trilhado, quando se trata de congregar as potencialidades propostas pelas tecnologias ao fazer docente e de criar espaços profícuos para outras dinâmicas e novas experimentações para o processo de ensino e aprendizagem. Muitas são as variáveis que contribuem para aumentar a complexidade do trabalho do professor e que demandam trabalho de convencimento dos professores, a fim de abrandar indícios de resistências ao uso dos recursos internos aos ambientes.

Ainda, é importante que novos olhares sejam lançados sobre os relatórios de atividades do Moodle, buscando-se maneiras de facilitar a leitura das informações por eles coletadas, mas sem que a concisão desvirtue ou se sobreponha às dimensões da aprendizagem que precisam ser contempladas.

Por fim, é desejável que as práticas pedagógicas sejam consolidadas na perspectiva do acompanhamento e que não se restrinjam a leituras segmentadas em momento único e estanque, adotando-se ações que as reconheçam como processo. Partindo, então, de uma leitura atenta e crítica dos dados fornecidos pelos relatórios do Moodle, será possível descobrir a trajetória dos alunos no ambiente AVA: o que acessaram, leram e como interagiram.

7. Referências

ALONSO, K. M. **Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre rede e escolas.** In: *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 104, p. 747-768, Especial out. 2008.

BASSANI, P. S.; BEHAR, P. A. Análise das interações em ambientes virtuais de aprendizagem: uma possibilidade para avaliação da aprendizagem em EAD. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre: **CINTED/UFRGS**, v. 4, n. 1, p. 01-10, jul. 2006. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/jul2006/artigosrenote/a35_21201.pdf>. Acesso em: 18 out. 2011.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

FERREIRA, A. B. H.. **Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 2005.

FRANCO, C. P. Possibilidades de participação na sala de aula virtual: uma análise dos modos de interação em um componente on-line de leitura instrumental em inglês. **Eutomia - Revista Online de Literatura e Linguística**, UFPE, ano 3, v. 1, p. 1-15, jul. 2010. Disponível em: <http://www.claudiofranco.com.br/publicacoes/franco_eutomia.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2011.

LOPES, C. C.; SCHIEL, U. Uma Estratégia para Aplicar Mineração de Dados no Acompanhamento do Aprendizado na EaD. In: XIII Seminário de Computação, 2004, Blumenau. **Anais do evento**. Blumenau:FURB, 2004. p. 01-12. Disponível em: <<http://www.inf.furb.br/seminco/2004/artigos/108-vf.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

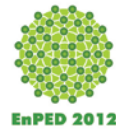
MOODLE (2012). In: Moodle: o software de código aberto para aprendizado colaborativo. Disponível em: <<http://www.moodle.org>>. Acesso em: 22 jul. 2012.

NEAD-UFMT. **Projeto político-pedagógico do curso de licenciatura em Pedagogia - modalidade a distância. Cuiabá, 2009**. Disponível em: <<http://www.nead.ufmt.br/japao>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

NUNES, A. C. O. FADA. Ferramenta de Apoio à Decisão Acadêmica. In: 13º Congresso Internacional de Educação a Distância, 2007, Curitiba. **Anais do evento**. Curitiba: ABED, abr. 2007, p. 1-11. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/542007105921PM.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2012.

PRIMO, A. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 4. ed. São Paulo:Cortez, 2001.



SAYÃO, R. **Participação em sala de aula.** 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2505200615.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2009.

SILVA, D. G. **Análise sobre o uso dos relatórios de atividades do Moodle no acompanhamento do processo de aprendizagem de alunos em curso de graduação.** 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2011.

YIN, R. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** São Paulo: Bookman Companhia, 2010.